

## Atualização científica

Esta seção destina-se à apresentação de resumos e comentários de artigos científicos recentes.

### **MYIATA H; TAKAHASHI M; SAITO T; TACHIMORI H & KAI I. Disclosure preferences regarding cancer diagnosis and prognosis: to tell or not to tell?**

*Journal of Medical Ethics* 2005;31(8):447-51.

Neste estudo, publicado na seção "Ética Médica Global" do *Journal of Medical Ethics*, um grupo de pesquisadores procurou esclarecer o que deve ser feito pelos médicos frente ao diagnóstico de câncer de seu paciente. Como esse diagnóstico tem grande impacto sobre as pessoas envolvidas - o próprio paciente, seus familiares e o médico - o estudo procurou avaliar qual é realmente o interesse dos pacientes em relação à informação sobre seu estado de saúde. Em vista de várias pesquisas terem tratado da revelação diagnóstica do câncer e poucas delas indagarem sobre o prognóstico, os autores procuraram respostas a essas duas indagações.

A pesquisa foi estruturada em forma de um questionário, enviado pelo correio para 990 pessoas da população geral, adultas, residentes em Tóquio, Japão. O trabalho foi randomizado. Foram recebidas 427 respostas. No questionário havia cinco cenários diferentes, todos referentes à pacientes com diagnóstico de câncer, porém apresentando diferentes graus de gravidade da doença. A resposta síntese do questionário era se a pessoa gostaria de ser informada de seu estado de saúde se estivesse naquela situação do cenário criado.

Dentre as várias respostas possíveis, os pesquisadores dividiram os aspectos que se referiam à revelação do diagnóstico (não quer saber; quer saber, mas de uma forma genérica, sem maiores detalhes; e quer saber sem restrições) e ao prognóstico (não quer saber; quer saber, mas de uma forma genérica, sem maiores detalhes; quer saber de uma forma genérica no início, mas com o evoluir dos cuidados quer saber sem restrições; e quer saber sem restrições desde o início). As respostas do questionário foram consolidadas e passaram por análises estatísticas que validaram os resultados.

Os dados mostraram que, no Japão, 86,1% das pessoas preferiram ser informadas do diagnóstico de câncer. A maioria também preferiu que não se falasse com detalhes sobre a possibilidade de recuperação (64,5%) e sobre o prognóstico de tempo de vida restante (64,1%). Os autores constataram que as mesmas pessoas que responderam não querer ser

informadas do diagnóstico responderam afirmativamente à seguinte questão: "Se eu estiver próximo ao fim de minha vida, quero ser informado desse fato para definir o que fazer da minha própria vida".

Os autores sugerem no estudo que, no Japão, os médicos podem considerar, de modo geral, que seus pacientes seriam bem atendidos nos seus interesses se fossem informados, na primeira oportunidade, sobre o diagnóstico sem restrição e que recebessem alguma informação sobre o prognóstico sem maiores detalhes.

Miyata e colaboradores chamam a atenção para dois aspectos encontrados na pesquisa, que consideraram importantes. O primeiro é o fato da variação da gravidade do câncer, nos cenários apresentados, não ter mostrado diferenças significativas quanto às respostas dadas sobre o diagnóstico e o prognóstico. O outro aspecto foi que a idade, grau de escolaridade e ansiedade, não tiveram impacto nas escolhas dos respondentes. Neste caso, os achados não confirmaram pesquisas anteriores.

A pesquisa mostra que a bioética está se tornando uma preocupação em todas as culturas. No Oriente e, no caso, no Japão, a cultura difere bastante da Ocidental, ao colocar a família acima do indivíduo. O fato de um grupo importante de pesquisadores japoneses se interessar sobre o que as pessoas de seu país desejam saber, caso estejam em situação de doenças graves, faz refletir sobre as mudanças em curso no mundo e que fazem parte do campo de estudo da bioética.

No caso desta pesquisa, os autores sugerem que a autonomia deva ser pensada como foco de melhor prática médica e salvaguarda dos interesses dos pacientes. Outro aspecto salientado é que a pesquisa chegou a resultados que podem ser correlacionados aos dados de outros estudos realizados no Ocidente. Dentre estes pode ser ressaltado o estudo de grande amostragem, coordenado por Jenkins, na Comunidade Britânica, em 2001, que trata da necessidade de informações dos pacientes com câncer. Outro trabalho, realizado por Kaplowitz e colaboradores nos Estados Unidos da América, em 2002, também analisa os desejos dos pacientes com câncer de serem informados sobre seu prognóstico.

Uma pesquisa similar realizada recentemente sob a responsabilidade da Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília (UnB) no Hospital de Base do Distrito Federal, em Brasília, com médicos que tratam de pacientes com câncer, corrobora tais conclusões. O referido estudo constatou que, dos profissionais entrevistados, 97,4% têm o hábito de informar o diagnóstico aos seus pacientes, sendo que 50% se valem da

família como apoio para fazer tal revelação. Em relação ao prognóstico fatal, 63,1% comunicam-no somente à família, enquanto 31,6% preferem informar diretamente ao paciente.

**Etelvino de Souza Trindade**

Hospital de Base do Distrito Federal, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

[estrindade@brturbo.com.br](mailto:estrindade@brturbo.com.br)